

EREBEA

Revista de Humanidades
y Ciencias Sociales
Núm. 2 (2012), pp. 271-287
ISSN: 0214-0691

NOTÍCIAS DA PÉRSIA NAS *DÉCADAS DA ÁSIA* DE DIOGO DO COUTO

Rui Manuel Loureiro
*Centro de História de Além-Mar, Lisboa; Instituto Superior
Manuel Teixeira Gomes, Portimão*

RESUMEN

Diogo do Couto viveu a maior parte de sua vida em Goa, onde faleceu em 1616. Durante os vinte anos finais da sua vida, preparou para publicação nove volumosas *Décadas da Ásia*, sobre os principais feitos da presença portuguesa no Oriente. Uma leitura cuidada da produção historiográfica de Diogo do Couto revela que o cronista português produziu, as mais das vezes, um mero trabalho de compilação de textos alheios, aos quais tentou dar um fio condutor de natureza cronológica. A análise dos materiais utilizados por Diogo de Couto a respeito da Pérsia revela de forma clara as características, e também as virtualidades, dos métodos de trabalho utilizados pelo cronista, que permitiram salvar um conjunto de notícias que de outra forma se teriam dispersado irremediavelmente.

PALABRAS CLAVE

Diogo do Couto; *Décadas da Ásia*; Intertextualidade; Bibliotecas; Safávidas; Pérsia; Ormuz.

Fecha de recepción: 12 de febrero de 2011
Fecha de aceptación: 1 de marzo de 2011

ABSTRACT

Diogo do Couto lived most of his life in Goa, where he passed away in 1616. During the last twenty years of his life, he prepared for publication nine *Décadas da Ásia*, all of them extensive works, about Portuguese endeavors in the East. A careful reading of Couto's chronicles reveals that the Portuguese writer produced, more often than not, a mere compilation of other people's texts that he tried to organize according to a chronological framework. The analysis of the materials used by Diogo do Couto about Persia fully discloses the characteristics, but also the potentialities, of his methods of work, which made possible the safeguard of a wealth of news that otherwise, might have been lost forever.

KEYWORDS

Diogo do Couto; *Decades of Ásia*; Intertextuality; Libraries; Safavids; Persia; Hormuz.

Diogo do Couto não necessita de grande apresentação, pois é decerto o mais prolífico dos cronistas portugueses de temas orientais.¹ Bastará sublinhar que em 1595 foi nomeado pela Coroa portuguesa, então unida a Espanha, como cronista oficial do *Estado Português da Índia*, tendo passado as duas décadas seguintes ocupado com a redacção de incontáveis trabalhos historiográficos. As suas obras, para além das *Décadas da Ásia* que continuavam os trabalhos de João de Barros, o grande cronista português de Quinhentos,² incluem um desaparecido *Comentário d'«Os Lusitadas»*, o *Tratado dos Gama*, um igualmente desaparecido *Epílogo da História da Índia*, a *Vida de Dom Paulo de Lima Pereira*, uma segunda versão de uma obra de juventude, o *Diálogo do Soldado Prático*, e vários relatos de famosos naufrágios portugueses.

Mas as *Décadas da Ásia* são, sem qualquer dúvida, o principal feito literário de Diogo do Couto, das páginas das quais, aliás, ele extraiu várias das suas outras obras. Num período de 20 anos, entre 1596 e 1616, data do seu desaparecimento, o cronista português foi responsável pela composição de nove *Décadas*, todas elas obras volumosas, com muitas centenas de fólhos, tratando dos empreendimentos portugueses nas terras e mares orientais que se estendiam desde o Cabo da Boa Esperança até ao longínquo arquipélago do Japão, durante o longo período compreendido entre 1526 e 1600. Embora versões mais extensas e/ou ligeiramente diferentes das *Décadas da Ásia* tenham sido entretanto publicadas,³ para o presente trabalho utilizar-se-á a única edição completa das crónicas de Diogo do Couto, impressa entre 1778 e 1788 pela Régia Oficina Tipográfica de Lisboa.⁴ A história das *Décadas da Ásia*, que tem sido frequentemente glosada,⁵ é bastante

1 Para uma bio-bibliografia concisa de Couto, com amplas referências bibliográficas, ver Rui Manuel LOUREIRO, *A Biblioteca de Diogo do Couto*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1998, pp. 53-76.

2 Sobre o trabalho historiográfico de João de Barros, ver Charles R. BOXER, *João de Barros – Portuguese Humanist and Historian of Asia*. Nova Delhi: Concept Publishing, 1981.

3 Ver Diogo do COUTO, *Década Quinta*, ed. Marcus de Jong. Coimbra: Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, 1937; e Maria Augusta Lima CRUZ, *Diogo do Couto e a Década 8ª da Ásia*. 2 vols. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda & Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1993-1994 (versão extensa da *Década Oitava*).

4 Diogo do COUTO, *Da Ásia – Décadas*, ed. Nicolau Pagliarini [1778-1788]. 15 vols. Lisboa: Livraria Sam Carlos, 1973-1975.

5 Ver António Coimbra MARTINS, “Sobre a génese da obra de Couto (1569-1600)”, *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. 8 (1974), pp. 131-174; e também António Coimbra MARTINS,

complicada, envolvendo roubo de manuscritos, reescrita de versões desaparecidas, destruição de volumes impressos, etc. O responsável pela única edição completa, Nicolau Pagliarini, com todos os meios postos à sua disposição, apenas conseguiu apresentar versões resumidas, ou epítomes, da *Década Oitava*, da *Década Nona* e da *Década Undécima*. Entretanto, o quadro seguinte resume a história editorial das *Décadas*:

	Período abrangido	Data de conclusão do manuscrito	Local e data da primeira edição
Década IV	1526-1536	1596	Lisboa, 1602
Década V	1537-1545	1597	Lisboa, 1612
Década VI	1545-1554	1597	Lisboa, 1612-1614
Década VII	1554-1564	1601-1603	Lisboa, 1616
Década VIII	1564-1571	1615-1616	Lisboa, 1673
Década IX	1571-1579	1613-1616	Lisboa, 1736
Década X	1580-1588	1600	Lisboa, 1788
Década XI	1588-1597	1610	Lisboa, 1788
Década XII	1597-1600	1611	Paris, 1645

Algumas observações se impõem. Em primeiro lugar, deverá sublinhar-se que apenas quatro das *Décadas* de Couto foram publicadas durante a sua vida, e destas ele não teve oportunidade de examinar exemplares da *Década Sétima*. Todas as outras *Décadas* foram publicadas sob a supervisão de outra(s) pessoa(s). Em segundo lugar, levanta-se a questão da cronologia da redacção: aparentemente, Couto iniciou o seu trabalho de cronista com a *Década Sétima* (incluindo muitos eventos que tinha presenciado no Oriente entre 1559 e 1564) e com a *Década Décima* (incluindo eventos posteriores a 1580 e imediatamente anteriores a 1589, data em que começou a solicitar da Coroa hispano-portuguesa o posto de cronista oficial do *Estado da Índia*). Só depois de ter sido nomeado para as funções de guarda-mor dos arquivos goeses, em 1595, retomou a escrita das *Décadas* por ordem cronológica de acontecimentos, começando com os anos posteriores a 1526. Enfim, em terceiro lugar, deverá notar-se a extraordinária velocidade com que ele escreveu as suas primeiras três *Décadas*, num período de apenas dois anos. É óbvio

“História de Diogo do Couto e dos seus livros”, *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. 36 (1991), pp. 73-118.

que estaria a utilizar materiais anteriormente compilados, durante os seus anos de residência indiana.

A narrativa dos acontecimentos que envolvem os portugueses no Oriente centra-se em Goa, a base estratégica do *Estado da Índia* e o lugar de residência habitual de Diogo do Couto.⁶ Em volta deste núcleo, os capítulos das sucessivas *Décadas da Ásia* concentram-se em diferentes lugares geográficos e em distintos espaços temáticos, de acordo com uma ordenação mais ou menos cronológica. Assim, seria possível organizar narrativas parciais em torno de específicas áreas regionais onde os interesses portugueses se concentravam, tais como a Etiópia, Ormuz e o Golfo Árabe-Pérsico, Cambaia, o Malabar, Ceilão, Malaca, as ilhas de Maluco, etc. Ou então, em torno de distintos temas, como as armadas da *carreira da Índia*, os relatos de naufrágio, as expedições terrestres, etc.⁷ Como regra, o cronista lusitano trata de eventos referentes a uma destas áreas ou temas num dado capítulo (ou capítulos), interrompe a sua história para introduzir nova temática ou nova área geográfica, e assim por diante, regressando posteriormente à primeira área, para prosseguir com a narrativa. Comparando o espaço textual total dedicado às diferentes áreas, seria possível estabelecer uma hierarquia das regiões orientais tratadas, consoante a respectiva importância para o *Estado da Índia*.⁸

Nesta hierarquia, a Pérsia ocupa uma posição algo modesta, quando comparada, por exemplo, com Cambaia, com Goa, com Ceilão ou com a Península Malaia, por exemplo, regiões às quais as sucessivas *Décadas da Ásia* dedicam extensas porções narrativas. Sabendo que as crónicas portuguesas oficiais da época privilegiavam os feitos militares, compreender-se-á o lugar relativamente secundário ocupado pelos assuntos persas na obra coutiana, já que entre 1526 e 1600, período historiado por Couto, os portugueses mantiveram um relacionamento relativamente pacífico e distante com o império safávida, para onde despacharam sucessivas embaixadas e missões diplomáticas, quase nunca se envolvendo em

6 Para uma síntese da história da presença portuguesa no Oriente, ver Sanjay SUBRAHMANYAM, *The Portuguese Empire in Asia, 1500-1700: A Political and Economic History*. Londres: Longman, 1993.

7 A propósito da utilização por Couto de relatos de viagem e relatos de naufrágio, ver Rui Manuel LOUREIRO, “Intertextualidades orientais: relatos de viagens e relações de naufrágios nas *Décadas* de Diogo do Couto”, in Ana Paula LABORINHO, Maria Alzira SEIXO & Maria José MEIRA (eds.): *A Vertigem do Oriente: Modalidades Discursivas no Encontro de Culturas*. Lisboa & Macau: Edições Cosmos & Instituto Português do Oriente, 1999, pp. 45-60.

8 Nesta lógica, a respeito da Índia e do Ceilão, ver respectivamente: Maria Augusta Lima CRUZ, “A ‘Crónica da Índia’ de Diogo do Couto”, *Mare Liberum*, n. 3 (1991), pp. 383-391; e Rui Manuel LOUREIRO, “The Matter of Ceylon in Diogo do Couto’s *Décadas da Ásia*”, in Jorge FLORES (ed.): *Re-exploring the Links – History and Constructed Histories between Portugal and Sri Lanka*. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2007, pp. 79-93.

confrontos com forças persas.⁹ Contudo, ainda assim, Diogo do Couto regressa à região do Golfo Arábico-Pérsico e aos assuntos persas de forma regular, pois uma das bases estratégicas do *Estado da Índia* situava-se precisamente em Ormuz, na periferia da Pérsia, onde, de facto, ocorreram ao longo do século XVI diversos recontros bélicos. A primeira menção à Pérsia ocorre na *Década Quarta*, terminada em 1596. A partir de então, temas persas aparecem recorrentemente ao longo das páginas das *Décadas da Ásia*, com excepção das *Décadas Oitava, Nona, Undécima e Duodécima* – por coincidência aquelas que se conhecem apenas em versão resumida ou incompleta¹⁰ –, que não contêm quaisquer informações de âmbito persa. Vejamos com algum pormenor a *matéria persa* nas *Décadas da Ásia* de Diogo do Couto.¹¹

A *Década Quarta*, com primeira edição em Lisboa em 1602, contém algumas referências breves a acontecimentos ocorridos em Ormuz na década de 1526-1536 (4-4-9; 4-5-7), além de uma descrição da célebre viagem que António Tenreiro realizou da Índia até Portugal por terra em finais da década de 1520 (4-5-7). Couto parece ter utilizado, para a narração desta jornada, uma das duas primeiras edições do *Itinerário* do viajante português, que foram impressas em Coimbra em 1560 e em 1565.¹² Esta *Década* inclui ainda um capítulo sobre a “jornada que o Turco Soleimão fez contra o Xathamaz” em 1534 (4-8-14).¹³ Trata-se da primeira referência extensa às coisas da Pérsia, que é justificada pelo cronista pelo facto de estes conflitos terem sido “em detrimento, e damno da Alfandega, e rendimento

9 Sobre a história das relações luso-persas nos séculos XVI e XVII, ver Willem Floor, *The Persian Gulf: A Political and Economic History of Five Port Cities, 1500-1730*. Washington, DC: Mage Publishers, 2006, *passim*; Dejanirah COUTO & Rui Manuel LOUREIRO, *Ormuz: 1507-1622: Conquista e Perda*. Lisboa: Tribuna da História, 2007; e também João Teles e CUNHA, “The Portuguese Presence in the Persian Gulf”, in Lawrence G. POTTER (ed.): *The Persian Gulf in History*. Londres: Palgrave Macmillan, 2009, pp. 207-234. Sobre o desenvolvimento de um discurso português relativo à Pérsia, ver João Teles e CUNHA, “The Eye of the Beholder: The Creation of a Portuguese Discourse on Safavid Persia”, in Rudi MATTHEE & Jorge FLORES (eds.): *Portugal, The Persian Gulf and Safavid Persia*. Lovaina: Peeters, 2011, pp. 11-50.

10 Destas quatro *Décadas*, apenas da *Década Oitava* se recuperou até à data uma versão extensa: ver CRUZ, *Diogo do Couto*.

11 As *Décadas da Ásia* da edição de Nicolau Pagliarini são citadas no corpo do texto, com três ou dois números: no primeiro caso, ‘década-livro-capítulo’; no segundo caso, ‘década-capítulo’.

12 Ver Diogo do COUTO, *Década Quarta da Ásia*, ed. Maria Augusta Lima Cruz. 2 vols. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Fundação Oriente & Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos portugueses, 1999, vol. 2, pp. 60-64 (nota de João Teles e Cunha). Não existe ainda uma edição crítica da obra de António Tenreiro; a propósito, ver Jean AUBIN, “Pour une étude critique de l’*Itinerário* d’António Tenreiro”, *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. 3 (1971), pp. 238-252, e Jean-Louis BACQUÉ-GRAMMONT, “Un rapport ottoman sur António Tenreiro”, *Mare Luso-Indicum*, vol. 3 (1976), pp. 161-173.

13 Ver COUTO, *Década Quarta*, ed. Lima Cruz, vol. 2, pp. 99-100 (nota de Sanjay Subrahmanyam); sobre o reinado do xá Thamasp, ver Andrew J. NEWMANN, *Safavid Iran: Rebirth of a Persian Empire*. Londres: I.B. Tauris, 2006, pp. 26-40.

da fortaleza de Ormuz”. A fortaleza portuguesa de Ormuz, convém lembrá-lo, era uma das mais importantes fontes de rendimento do *Estado da Índia*, graças ao importante movimento comercial que por ela transitava. Alguns indícios textuais fazem supor que Couto traduziu neste capítulo um texto de origem italiana, ainda não identificado, para descrever “as guerras de antre o Turco, e o Rey da Pérsia” (4-8-14). Numerosos viajantes italianos cruzaram os caminhos terrestres da Ásia ao longo do século XVI, fazendo muitos deles prolongadas estadas em possessões do *Estado da Índia*. Bastará lembrar o caso de Michele Membré, que cruzou a Pérsia em 1539-1540, para depois se dirigir a Goa, de onde posteriormente viajou para a Europa por via marítima. De volta a Veneza, este emissário enviado à corte do Xá Tahmasp redigiu uma circunstanciada relação de viagem, para além de ter colaborado com o erudito veneziano Giovanni Battista Ramusio na compilação de materiais sobre a Pérsia.¹⁴ Diogo do Couto poderia ter recorrido a algum texto deste género. Mas também poderia ter recebido informações orais. E nomeadamente de Qara Hasan, um janízaro originário da Eslavónia, que em 1563 conheceu em Baroche, e que lhe deu notícia de outros sucessos otomanos: “communicámos, estando elle alli por Capitão, e liamos Ariosto, Petrarcha, Dante, Petro Bembo, e outros Poetas Italianos, a que elle era muito affeçoado, e gostava muito de o nós entendermos” (5-1-11). Outra fonte provável, onde o cronista poderia ter buscado inspiração para algumas informações que transmite sobre a história da formação do império otomano, seria o hoje raríssimo *Livro da origem dos Turcos* de Frei Diogo de Castilho, impresso em Antuérpia em 1538 em língua portuguesa, de que alguns exemplares teriam certamente chegado às possessões portuguesas no Oriente.¹⁵

A *Década Quinta*, que foi concluída em 1597 e impressa pela primeira vez em 1612, apresenta logo no primeiro livro um extenso capítulo dedicado às relações entre os mogores e os uzbeques (5-1-13).¹⁶ Embora não directamente relacionada com a Pérsia, a matéria tratada não deixa de intersectar assuntos iranianos, já que os safávidas, na época, mantinham relações activas, e nem sempre pacíficas, quer com o império mogol, quer com os uzbeques. Trata-se de um capítulo exemplar,

14 Michele MEMBRÉ, *Mission to the Lord Sophy of Persia (1539-1542)*, ed. A.H. Morton. Londres: E.J.W. Gibb Memorial Trust, 1999, *passim*. Para uma visão genérica das relações entre Veneza e a Pérsia, ver Giorgio ROTA, *Under Two Lions: On the Knowledge of Persia in the Republic of Venice (ca.1450-1797)*. Viena: Österreichische Akademie der Wissenschaften, 2009. E sobre Ramusio, ver Jerome R. BARNES, *Giovanni Battista Ramusio and the history of discoveries* [dissertação de doutoramento policopiada]. Arlington: University of Texas at Arlington, 2007.

15 Sobre esta obra, ver Rui Manuel LOUREIRO, “Osmanlilar Hakkında Flandre’de 1530’ da Yayınlanan Portekiz Metinleri”, in Dejanirah COUTO (ed.): *Avrupa ve Osmanlilar: Yedi Yüzyillik Savas ve Diyalog*. Istanbul: Kit y Yveni, 2010, pp. 95-116.

16 Sobre o contexto centro-asiático, ver Mansura HAIDAR, *Central Asia in the Sixteenth Century*. Nova Delhi: Manohar, 2002, *passim*; e também Peter B. GOLDEN, *Central Asia in World History*. Oxford: Oxford University Press, 2011, pp.105-121.

no qual Couto alardeia uma vasta erudição, multiplicando referências intertextuais. As fontes são variadas, mas facilmente identificáveis. O cronista refere-se a “Ruy Gonçalves de Clavijo no seu Itinerario”, o que leva a supor que conheceria a *Historia del Gran Tamerlan*, obra que relatava a jornada asiática levada a cabo pelo embaixador espanhol nos primeiros anos do século XIV, impressa em 1582 em Sevilha por Gonzalo Argote de Molina.¹⁷ Entre as outras autoridades citadas, o primeiro nome é “João Maria Angelo”, referência óbvia à “Breve narratione della Vita et Fatti del Signor Ussuncassano”, escrita por Giovanni Maria Angiolello, texto quatrocentista sobre as guerras turco-persas, originalmente impresso em Vicenza em 1490, que foi incluído no segundo volume das *Navigazioni et Viaggi* de Giovanni Battista Ramusio (Veneza, 1559, fls. 66-78).¹⁸ Depois, aparece uma alusão a “Micer Catherino Zeno”, que se reporta aos “Commentarii del Viaggio in Persia” atribuídos ao embaixador quatrocentista Caterino Zeno, texto igualmente incluído por Ramusio na sua monumental colectânea, apenas a partir da 2ª edição do segundo volume das *Navigazioni* (Veneza, 1574, fls. 221v-221v).¹⁹ Uma obra do “douto Varão Paulo Jovio”, também citado neste capítulo, figura igualmente no segundo volume das *Navigazioni et Viaggi* ramusianas. Trata-se de um relato “Delle cose delle Moscovia” (Veneza, 1559, fls. 131v-137), preparado pelo historiador italiano Paolo Giovio, com base em informações que lhe haviam sido fornecidas por um emissário enviado a Roma em 1525 pelo grão-duque da Moscóvia.²⁰ Todas estas fontes continham matérias relacionadas com a Pérsia. Parece certo que Diogo do Couto possuiria na sua biblioteca pessoal ao menos a 2ª edição do segundo volume da monumental compilação de Giovanni Battista Ramusio.

No livro oitavo da mesma *Década Quinta* aparece a história do exílio do segundo imperador mogor Humayun na Pérsia na década de 1540, com notícias sobre o apoio que lhe foi dado pelo Xá Tahmasp,²¹ que Couto confunde com “o

17 Sobre González de Clavijo e o seu relato, ver Rafael LÓPEZ GUZMÁN (ed.): *Viaje a Samarkanda – Relación de la Embajada de Ruy González de Clavijo (1403-1406)*. Granada: Fundación Publica Andaluza El Legado Andalusi, 2009.

18 George B. PARKS, “The Contents and Sources of Ramusio’s *Navigazioni*”, in Giovanni Battista RAMUSIO, *Navigazioni et Viaggi – Venice 1563-1606*, ed. R.A. Skelton & George B. Parks. 3 vols. Amesterdão: Theatrum Orbis Terrarum, 1967-1970 (vol. 3, pp. 1-39), p. 20. Para uma edição recente do relato de Angiolello, ver Giovanni Battista RAMUSIO, *Navigazioni e Viaggi*, ed. Marica Milanese. 6 vols. Turim: Einaudi, 1978-1988, vol. 3, pp. 365-420. Sobre Angiolello, ver ROTA, *Under Two Lions, passim*.

19 PARKS, “The Contents and Sources”, pp. 23-24. Para uma edição recente, ver RAMUSIO, *Navigazioni e Viaggi*, vol. 4, pp. 143-201. Sobre Zeno, ver ROTA, *Under Two Lions, passim*.

20 PARKS, “The Contents and Sources”, p. 22. Sobre Paolo Giovio, ver T.C. Price ZIMMERMANN, *Paolo Giovio: The Historian and the Crisis of Sixteenth-Century Italy*. New Jersey: Princeton University Press, 1995.

21 Sobre o exílio de Humayun na Pérsia, ver Riazul ISLAM, *Indo-Persian Relations: A Study of the Political and Diplomatic Relations between the Mughul Empire and Iran*. Teerão: Iranian Culture Foundation, 1970, pp. 22-47.

Xá Ismael” (5-8-11). No que toca a assuntos asiáticos, o nosso cronista convoca diferentes temas quanto tal lhe aparece oportuno no correr da narração: “Em quanto nos dura o tempo do inverno, em que não há que fazer em nossas cousas, daremos razão das alheias” (5-8-11). Diogo do Couto retoma um tema que já abordara antes, a história dos imperadores mogores, provavelmente com base em informações orais de “Embaixadores dos mesmos Magores, que a esta Cidade de Goa vieram” (4-10-1). Aliás, o nosso autor reconhece estar a registar coisas que “nos affirmáram os Magores”. Mas outros dois dos seus informadores merecem especial destaque.²² Um deles era “hum homem Polaco, chamado Gabriel, que veio de lá por Moscovia aos Husbeques, e esteve na Corte de Abdulacan, Rei de Camarcant, alguns annos, e dalli passou ao Magor, em cuja casa, e serviço andou quinze annos, e depois veio ter a esta Cidade de Goa”. Aqui o encontrou o cronista, que com ele conversou amiúde, recolhendo informes sobre “muitas cousas daquellas partes, que elle notou bem, por ser hum homem muito experto, e de vivo engenho”. O polaco, segundo parece, percorrera demoradamente “a Mascovia, a Husbequia, a Persia, a Tartaria”, chegando mesmo “a Cambalec, Corte do Grão Cão”, para depois regressar ao Indostão, correndo “todos os Reynos dos Magores, e todo o de Cambaya, e Cinde”.²³ O outro informador era Cosme Correia, um casado português residente na Índia, “que por espancar hum Feitor, fugio pera Cambaya, e dalli se passou á Corte do Magor”.²⁴ Este homem, segundo o cronista, “dava desta jornada muito boa razão, por ser homem avisado, e de quem o Magor foi grande amigo”. E não é impossível que Couto dele tivesse recebido uma *Relação das coisas dos Mogores*, de que parece transcrever extractos no capítulo referido (5-8-11).

Ainda na *Década Quinta* (5-9-1; 5-9-5; 5-10-1; 5-10-3) encontram-se múltiplas referências a Ormuz, que valerá a pena destacar, porque diversas notícias apresentadas por Couto são retiradas, sem qualquer identificação da fonte, da *Relação do Estado da Índia* que Frei Agostinho de Azevedo concluiu nos últimos anos do século XVI. Este religioso da Ordem de Santo Agostinho, que estanciou no Oriente durante longos anos, preparou a pedido do próprio Diogo do Couto uma longa e bem informada relação manuscrita sobre assuntos asiáticos, que o cronista transcreve fielmente em diversas partes das suas *Décadas da Ásia*.²⁵ Couto afirma

22 Ver CRUZ, “A ‘Crónica da Índia’”, p. 387.

23 Ver Jan KIENIEWICZ, “Nouvelles et marchandises: la perspective polonaise des Découvertes portugaises”, in Jean AUBIN (ed.): *La Découverte, le Portugal et l’Europe*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1990 (pp. 331-345), p. 344.

24 Sobre Cosme Correia, ver Roberto GULBENKIAN, *Estudos Históricos*. 3 vols. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1995, vol. 1, pp. 273-274; e também Jorge FLORES, *Firangistân e Hindustân: O Estado da Índia e os Confins Meridionais do Império Mogol (1572-1636)* [dissertação de doutoramento policopiada]. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2004, pp. 54-55.

25 Ver Georg SCHURHAMMER, *Francisco Javier Javier – Su vida y su tiempo*. 4 vols. Pam-

a dada altura que consultou os relatórios de contas “dos Feitores daquele tempo, que serviam em Ormuz” (5-9-1). Mas está a apropriar-se de notícias alheias, pois o seu informador, a respeito das contas daquela praça, é bem explícito: “eu tambem vi nos mesmos livros donde tirei estes capitulos quando com as mais informações e doações e origem e fundação do reyno de Ormuz mandei huma relação a Diogo do Couto casado em Goa as quaes me mandou pedir pera a continuação das suas Decadas”.²⁶ Num dos seus capítulos (5-10-1), Couto transcreve partes da crónica dos reis de Ormuz, hoje desaparecida, *Shâhnâma*, cuja tradução Agostinho de Azevedo conseguiu obter durante a sua residência na ilha de Djerun.²⁷ Valerá a pena observar, a propósito, que Couto também poderia ter colhido algumas destas notícias no *Tratado das cousas da China* de Frei Gaspar da Cruz, impresso em Évora em 1569-1570, que incluía em apêndice uma tradução de trechos da mesma crónica ormuzina, que anda atribuída a Turan Shah, soberano da ilha entre 1347 e 1378.²⁸ Escassos anos mais tarde, o viajante português Pedro Teixeira apresentaria uma outra versão da mesma crónica ormuzina, em tradução de sua autoria, nas *Relaciones d’el origen, descendencia y suçcession de los Reyes de Persia, y de Harmuz*, impressas em Antuérpia em 1610.²⁹ A determinado passo, Couto fala “no Catalogo que trouxemos de todos os Reys de Ormuz” (5-10-1); estava apenas a referir-se à *Relação do Estado da Índia* de Agostinho de Azevedo, que contém a dita listagem de reis. O religioso agostinho, entretanto, afirma explicitamente a determinado passo: “o que deixo pera os coronistas a quem a historia da India esta encomendada continuando as Decadas de João de Barros pera o que muitas vezes me pedirão relação das cousas de ormuz, e eu lha dei bem larga das cousas daquellas partes, que ate hoje estiverão ocultas a todos aquelles que as escreverão”.³⁰ Entretanto, aparece ainda na versão coutiana uma passagem erudita, com referências a Marco Polo, a “Aiton Armenio” e a “Sabellico” (5-10-1), que não figura na versão que hoje conhecemos do texto do frade agostinho. Tratar-se-á de um arremedo livresco

plona: Gobierno de Navarra, Compañía de Jesús & Arzobispado de Pamplona, 1992, vol. 3, pp. 564-571.

26 António da Silva REGO (ed): *Documentação Ultramarina Portuguesa*. 5 vols. Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1960-1967, vol. 1, p. 205. Ver LOUREIRO, *A Biblioteca*, p. 402, e referências aí citadas.

27 Ver SCHURHAMMER, *Francisco Javier*, vol. 3, pp. 564 e 630.

28 Cf. Gaspar da CRUZ, *Tratado das coisas da China*, ed. Rui Manuel Loureiro. Lisboa: Cotovia, 1997, pp. 267-279. Sobre a história do reino de Ormuz no período anterior à chegada dos portugueses, ver Jean AUBIN, “Le royaume d’Ormuz au début du XVIe siècle”, *Mare Luso-Indicum*, vol. 2 (1973), pp. 77-179.

29 Cf. Pedro TEIXEIRA, *Relaciones del origen, descendencia y suçcession de los Reyes de Persia, y de Harmuz*, ed. Eduardo Baraja Sala. Madrid: Miraguano Ediciones & Ediciones Polifemo, 1994, pp. 317-348. Sobre Pedro Teixeira, ver Rui Manuel LOUREIRO, “Drogas Asiáticas e Práticas Médicas nas *Relaciones* de Pedro Teixeira (Antuérpia, 1610)”, *Revista de Cultura*, n. 32 (2009), pp. 24-32.

30 REGO (ed.): *Documentação Ultramarina*, vol. 2, p. 211.

do cronista português? Estas referências reportam-se, respectivamente, à obra de Marco Pólo,³¹ consultada por Couto na edição que dela preparou Ramusio para as suas *Navigazioni et Viaggi* (vol. 2, 1559, fls. 2-60v); ao relato das conquistas mongóis, que a partir de finais do século XIII correu a Europa sob forma manuscrita, atribuído a Haitão, parente de um monarca arménio, que acabou por ser impresso também nas *Navigazioni et Viaggi* (vol. 2, 1559, fls. 62v-65);³² e à *Coronica geral da eneyda segunda* de Marco António Sabélico, conhecido autor quatrocentista, que foi primeiro impressa em “linguagem portugues” em Coimbra em 1553.³³ As referências coutianas, contudo, são muito superficiais, não implicando necessariamente uma consulta destas obras concretas.

A *Década Sexta*, terminada em 1597 e publicada em Lisboa em 1612-1614, continua a tratar assuntos referentes a Ormuz, desta vez com base em informações orais (6-4-5; 6-7-7-). Couto terá também tido acesso a um manuscrito da *Crónica do Vice-Rei Dom João de Castro*, preparado entre 1594 e 1598 por Dom Fernando de Castro.³⁴ A versão coutiana dos acontecimentos aproxima-se de tal maneira da lição da obra do neto de Dom João de Castro, que dificilmente se poderá pôr em dúvida a íntima ligação existente entre ambos os textos.³⁵ No livro décimo desta *Década* surge um extenso relato, em sete capítulos (6-10-1/5; 6-10-10; 6-10-13), da expedição otomana que no início da década de 1550 o almirante turco Piri Reis conduziu contra Mascate e Ormuz. É difícil identificar as fontes a que recorreu Diogo do Couto; mas talvez tivesse utilizado sobretudo documentação de arquivo, conjugada com depoimentos orais de alguns dos intervenientes que mais tarde viveram em Goa, como os dois irmãos madeirenses André e Diogo Feio. Valerá a pena salientar o íntimo conhecimento que o relato do cronista demonstra de alguns dos sucessos ocorridos no campo inimigo, obtidos talvez junto de cativos portugueses que acabaram por ser resgatados.³⁶

31 Sobre Marco Polo, ver a obra já antiga, mas sempre interessante, de Leonardo OLSCHKI, *Marco Polo's Asia*. Berkeley: University of California Press, 1960, pp. 301-360. Para a versão ramusiana, cf. RAMUSIO, *Navigazioni e Viaggi*, vol. 3, pp. 7-297.

32 Sobre Haitão, ver Joan-Pau RUBIÉS, “Late medieval ambassadors and the practice of cross-cultural encounters, 1250-1450”, in Palmira BRUMMETT (ed.): *The 'Book' of Travels: Genre, Ethnology and Pilgrimage, 1250-1700*. Leiden: Brill, 2009, pp. 37-112. Cf. RAMUSIO, *Navigazioni e Viaggi*, vol. 3, pp. 299-355.

33 Maria Alzira Proença SIMÕES, *Catálogo dos Impressos de Tipografia Portuguesa do Século XVI – A Coleção da Biblioteca Nacional*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1990, p. 327. Ver também Peter G. BIETENHOLZ & Thomas B. DEUTSCHER, *Contemporaries of Erasmus: A Biographical Register of the Renaissance and Reformation*. 3 vols. Toronto: University of Toronto, 2003, vol. 3, pp. 181-182.

34 Para uma edição recente, ver Dom Fernando de CASTRO, *Crónica do Vice-Rei D. João de Castro*, ed. Luís de Albuquerque & Teresa Cunha Matos. Tomar: Escola Superior de Tecnologia de Tomar, 1995.

35 Ver LOUREIRO, *A Biblioteca*, p. 403, e as referências aí citadas.

36 Ver Dejanirah COUTO, “L'espionnage portugais portugais dans l'empire ottoman”, in Jean

Na *Década Sétima*, concluída em 1603 e impressa em Lisboa em 1616, ainda em vida de Couto, surge um capítulo dedicado à jornada que Dom Álvaro da Silveira realizou a Baçorá em meados da década de 1550 (7-3-4), o qual talvez se tenha inspirado numa *lembrança* manuscrita preparada por uma testemunha dos eventos.³⁷ De seguida, aparece uma breve notícia sobre a “diferença que há antre Persas e Árabes sobre a opinião de suas seitas” (7-4-8). É difícil determinar a fonte utilizada por Couto na redacção desta *breve relação do islamismo*, na qual se apresenta um historial das divergências entre sunitas e xiitas. Talvez tenha sido tomada de algum dos variadíssimos textos de origem italiana incluídos no segundo volume das *Navigazioni et Viaggi* de Giovanni Battista Ramusio.³⁸ Entretanto, valerá talvez a pena confrontar algumas passagens coutianas com excertos da *Suma Oriental* de Tomé Pires, o boticário português que viveu no Oriente nos inícios do século XVI, onde se abordam idênticas questões de forma relativamente desenvolvida.³⁹ Adiante, na mesma *Década Sétima*, surgem alguns informes sobre conflitos sucessórios entre os otomanos, que envolveram também o Xá Tahmasp, tratando nomeadamente da fuga de Bayazid para a Pérsia em 1558-1560 (7-8-15). O cronista poderia ter recorrido aqui a informadores agostinhos, uma vez que estes religiosos, a partir de Ormuz, tiveram oportunidade de reunir um vasto cabedal de notícias sobre as relações da Pérsia com o império otomano.⁴⁰ Alternativamente, estaria de novo a recorrer a fontes italianas ainda não identificadas.

A *Década Décima*, concluída em 1600, mas só publicada pela primeira vez no século XVIII, concentra o mais alargado conjunto de notas sobre assuntos relativos aos safávidas. Abrangendo eventos ocorridos entre 1580 e 1588, esta crónica documenta um período em que Diogo do Couto vivia em Goa e já se ocupava com a compilação de materiais sobre a história da presença portuguesa no Oriente. Esta *Década*, aliás, terá sido uma das primeiras a que o cronista lançou mãos,

AUBIN (ed.): *La Découverte, le Portugal et l'Europe*, pp. 243-267. Mais especificamente sobre a expedição de Piri Reis, ver também Dejanirah COUTO, “Portuguese-Ottoman Rivalry in the Persian Gulf in the Mid-Sixteenth Century: The Siege of Hormuz, 1552”, in Rudi MATTHEE & Jorge FLORES (eds.): *Portugal, The Persian Gulf and Safavid Persia*, pp. 145-175.

37 Sobre esta expedição, ver Willem Floor, *The Persian Gulf*, p. 178 ; Maria do Rosário S. Themudo Barata A. CRUZ, “A ‘questão de Baçorá’ na menoridade de D. Sebastião (1557-1568); e também Dejanirah COUTO “Un coup d’épée dans l’eau’: La «Memoria da tomada da fortaleza de Catifa» et l’expédition à Bassorah (1551)”, in Dejanirah COUTO & Rui Manuel LOUREIRO (eds.): *Revisiting Hormuz- Portuguese Interactions in the Persian Gulf Region in the Early Modern Period*. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag & Calcuste Gulbenkian Foundation, 2008, pp. 57-88. A perspectiva das informações colhidas na Índia e as iniciativas do governo”, *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, 5ª série, vol. 6 (1986), pp. 49-64.

38 Ver PARKS, “The Contents and Sources”, pp. 17-26.

39 Ver Rui Manuel LOUREIRO, *O Manuscrito de Lisboa da ‘Suma Oriental’ de Tomé Pires*. Macau: Instituto Português do Oriente, 1996, pp. 69 e sgs.

40 Ver GULBENKIAN, *Estudos Históricos*, vol. 1, pp. 133 e sgs.

quando começou a pensar em solicitar da Coroa portuguesa o posto de cronista dos feitos orientais. As notícias sobre Ormuz e sobre a expedição de Dom Gonçalo de Meneses a Xamel, na década de 1580, onde se incluem muitas referências a assuntos persas (10-2-10/14), devem ter sido tomadas de alguma *relação da jornada* preparada por um anónimo participante. Couto poderia ainda ter recorrido ao seu conhecido informador Frei Agostinho de Azevedo, que viveu em Ormuz durante onze anos. Trata-se de uma das raríssimas expedições militares portuguesas em território persa, justificação para a atenção que o nosso cronista lhe presta. Uma das fontes possíveis para a narrativa de eventos ocorridos em Ormuz, utilizada mais tarde, na redacção final desta *Década*, seria ainda o manuscrito da *Vida e acções de Matias de Albuquerque*, biografia heróica redigida por volta de 1600, talvez por Miguel de Lacerda, que Couto recebeu das mãos do próprio Vice-rei, quando este exerceu o cargo entre 1591 e 1597.⁴¹

De seguida, surge ao longo de oito capítulos da *Década Décima* (10-3-1; 10-4-1/2; 10-5-2; 10-6-11/12; 10-8-1; 10-9-3) uma descrição muito minuciosa dos conflitos civis entre persas, e destes com os otomanos, ocorridos a partir de 1578, no tempo do Xá Muhammad Khudabanda.⁴² O longo excurso turco-persa configura uma incursão estritamente orientalista do cronista português, uma vez que os assuntos tratados, ao menos de forma directa, nada têm a ver com o *Estado da Índia*. A não ser, claro está, se tivermos em conta uma estratégia global de hostilidade face ao império otomano. Estes capítulos poderiam basear-se em alguma *relação* de origem persa, traduzida para português, que talvez tivesse sido fornecida por Frei Agostinho de Azevedo, um dos principais informadores de Diogo do Couto em questões relacionadas com a Pérsia. Aliás, o texto transcrito nesta *Década Décima* poderia originalmente ter feito parte da *Relação do Estado da Índia* redigida pelo religioso agostinho, que por sua vez o teria tomado de alguma crónica persa coetânea, talvez o *Ahsan al-Tavarikh* do cronista quincentista Hasan Rumlu.⁴³ Esta mesma *Década Décima*, a dado passo, inclui uma relação da embaixada que o *Estado da Índia* “mandou ao Oxá [sic] pelo Padre Fr. Simão de Moraes” (10-5-6).⁴⁴ Este “Religioso muito virtuoso, e de grande exemplo”, poderia ter sido um dos informadores de Diogo do Couto, já que “os annos que

41 Ver António BAIÃO, “Introdução”, in Diogo do COUTO, *Décadas*, ed. António Baião. 2 vols. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1947, vol. 1 (pp. ix-cxxiv), p. lxxii. Para uma edição recente desta biografia, ver Antonella VIGNATI, *Vida e Acções de Mathias de Albuquerque Capitão e Viso-Rei da Índia*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998-1999; e também Sanjay SUBRAHMANYAM, “‘The Life and Actions of Mathias de Albuquerque (1547-1609): A Portuguese Source for Deccan History’”, *Portuguese Studies*, vol. 2 (1995), pp. 62-77.

42 Sobre o reinado do xá Khudabanda, ver NEWMANN, *Safavid Iran*, pp. 41-49.

43 Ver NEWMANN, *Safavid Iran*, p. 137.

44 Ver Carlos ALONSO, “El P. Simon de Moraes, pionero de las misiones agustinianas en Persia (†1585)”, *Analecta Augustiniana*, vol. 63 (1979), pp. 343-372.

esteve em Ormuz no seu Convento aprendêra a lingua Persa, e a lia, e escrevia tão bem como os mesmos Persas” (10-5-6). Outras notícias sobre as coisas da Pérsia apresentadas nesta *Década* foram transmitidas ao nosso autor por “hum Armenio, pessoa veneranda, homem prudente, e de grandes mostras de santidade com huma hypocrisia farisaica” (10-5-6), que a dada altura visitou Goa. E ainda outros informes foram colhidas por Couto junto de um embaixador persa que por volta de 1584 visitou a capital do *Estado da Índia*, ficando alojado no mosteiro de Santo Agostinho: “aonde eu o visitei algumas vezes, e me informei d'elle de muitas cousas da Persia: era homem, que tinha conhecimento das cousas de Geografia, e mostrou-me hum Padrão, em que tinha arrumados todos os Reynos, e Provincias do Oxá [sic], cousa curiosa, com seus meridianos, e paralelos, que levava a ElRey” (10-5-6).⁴⁵

Enfim, uma última fonte a que Couto decerto recorreu, menos óbvia, porque não é citada, seria a *Historia della guerra fra Turchi et Persiani*, impressa em Veneza em 1588, da autoria de Giovanni Tommaso Minadoi, um médico italiano que estanciou demoradamente no império otomano.⁴⁶ Talvez o nosso cronista tivesse à sua disposição a tradução espanhola desta obra, preparada por António de Herrera y Tordesillas e impressa em Madrid em 1588: *Historia de la guerra entre Turcos y Persianos*. Assim se explica o seu conhecimento íntimo destas matérias, bem como alguns dos erros e equívocos que copiou da obra de Minadoi, e que poucos anos mais tarde viriam a ser corrigidos nas *Relaciones de Don Juan de Pérsia*, impressas em Valladolid em 1604.⁴⁷ Uma referência erudita incluída num dos capítulos desta *Década* fala da cidade de “Caeremete”, identificável, “segundo Rusili”, com “Aloriga de Ptolomeu, que elle na sua Taboa III. da Asia mette na Armenia maior” (10-3-1). Diogo do Couto parece estar aqui a referir-se ao cartógrafo italiano Girolamo Ruscelli, que foi responsável por uma edição da *Geografia* de Ptolomeu impressa em Veneza em 1561. Mas decerto teria outros mapas à sua disposição.⁴⁸

45 Aparentemente, este enviado persa viria mais tarde a perecer num naufrágio, a caminho de Lisboa. Ver Luis GIL, *El Imperio Luso-Español y la Persia Safávida*. 2 vols. Madrid: Fundación Universitaria Española, 2006-2009, vol. 1, pp. 77-78.

46 Ver Stéphane YERASIMOS, *Les Voyageurs dans l'Empire Ottoman (XIV^e – XVI^e Siècles)*. Ancara: Imprimerie de la Société Turque d'Histoire, 1991, p. 324.

47 Sobre este persa, convertido ao catolicismo em Espanha, ver Luis GIL, “Sobre el trasfondo de la embajada del Shah Abbas I a los Príncipes Cristianos: Contrapunto de las *Relaciones* de Don Juan de Persia”, *Estudios Clásicos*, tm. 27 (1985), pp. 347-377.

48 Sobre Ptolomeu e a circulação da sua obra na Europa, ver Patrick GAUTIER DALCHÉ, *La Géographie de Ptolémée en Occident (IV^e – XVI^e siècle)*. Turnhout: Brepols, 2009; sobre a cartografia europeia da Pérsia, ver Zoltán BIEDERMANN, “The Portuguese cartography of the Persian Gulf and its echoes in sixteenth century Europe”, in Dejanirah COUTO, Jean-Louis BACQUÉ-GRAMMONT & Mahmoud TALEGHANI (eds.): *Atlas Historique du Golfe Persique (XVI^e – XVIII^e siècles) / Historical Atlas of the Persian Gulf (Sixteenth to Eighteenth Centuries)*. Turnhout: Brepols, 2006, pp. 67-149.

Verifica-se, assim, que Diogo do Couto, ao tratar de assuntos relacionados com a Pérsia safávida e com as regiões circundantes, utilizou os seus habituais métodos de trabalho, já recenseados nas suas *Décadas da Ásia* para outras regiões e/ou temáticas.⁴⁹ Uma vez que nunca visitou Ormuz ou o território iraniano, serviu-se de uma multiplicidade de fontes, que incluíam obras impressas em línguas europeias (nomeadamente em português, em espanhol e em italiano) que existiriam na sua biblioteca pessoal, obras portuguesas manuscritas de variadas procedências que de alguma forma lhe chegaram às mãos, documentos avulsos que estariam arquivados na Torre do Tombo em Goa, e apontamentos de entrevistas ou de informes orais que foi recolhendo ao longo dos seus muitos anos de residência indiana, junto de europeus e de asiáticos com que em algum momento se cruzou. Entretanto, parece muito pouco provável que tenha recorrido a fontes escritas em línguas orientais.

O quadro seguinte resume estes empréstimos diversificados (aparecendo os títulos ou utilizações conjecturais assinalados com *) (pág. 286).

Valerá a pena sublinhar, entretanto, que Couto nunca menciona nas suas *Décadas da Ásia* as duas fontes a que mais abundantemente recorreu para tratar temáticas persas: a *Historia della guerra fra Turchi et Persiani* de Giovanni Tommaso Minadoi e a *Relação do Estado da Índia* de Frei Agostinho de Azevedo.

Diogo do Couto foi desde muito cedo um persistente colecionador de documentos relacionados com a presença dos portugueses no Oriente. Talvez o trabalho de elaboração do *Comentário d'Os Lusíadas*, que lhe foi encomendado por Luís de Camões na ilha de Moçambique em 1569, tivesse despertado uma já latente vocação historiográfica. Mas o que é um facto é que, praticamente desde os seus primeiros anos de vivência asiática, Couto começou a recolher depoimentos de homens de acção, cópias de cartas e de alvarás oficiais, relatos de feitos heróicos e de viagens singulares, e descrições de povos e de terras exóticas.

Uma vez oficialmente incumbido da redacção da *crónica da Índia*, Diogo do Couto trabalhou a um ritmo verdadeiramente alucinante, só explicável pela sistemática utilização de materiais por ele anteriormente preparados ou pelo abundante recurso a textos alheios. O confronto sistemático entre as nove *Décadas* coutianas e um vasto leque de materiais coetâneos ainda hoje existentes permite concluir, sem qualquer sombra de dúvida, que o cronista procedeu muitas vezes como mero compilador de textos preparados por outros autores. Umás vezes, limitou-se a transcrever de forma literal esses textos; outras vezes, parafraseia-os ou reordena-os, reconstruindo uma prosa aparentemente inovadora a partir de materiais pré-existentes. Em muitos casos, as fontes a que recorre são devidamente referenciadas nas páginas das *Décadas*; noutros casos, a respectiva utilização pode ser deduzida a partir de coincidências textuais mais evidentes; e, noutros

49 Ver LOUREIRO, *A Biblioteca, passim*.

FONTES DAS NOTÍCIAS SOBRE A PÉRSIA			
Impressos	António Tenreiro	<i>Itinerário</i> (Coimbra, 1560; 1565)	4-5-7
	Fr. Diogo de Castilho	<i>Livro da origem dos Turcos</i> (Antuérpia, 1534)	4-8-14
		<i>Guerras turco persas, 1534</i> (relato italiano) *	4-8-14
	Ruy Gonzalez de Clavijo	<i>Historia del Gran Tamerlan</i> (Sevilha, 1582)	5-1-13
	Giovanni Battista Ramusio (comp.)	<i>Navigazioni et Viaggi</i> (vol. 2, 2ª edição, Veneza, 1574)	4-8-14; 5-1-13; 5-10-1
	Fr. Gaspar da Cruz	<i>Tratado das cousas da China</i> (Évora, 1569-1570)	5-10-1
	Ptolomeu ed. Girolamo Ruscelli	<i>Geografia</i> (Veneza, 1561)	10-3-1
	Giovanni Tommaso Minadoi	<i>Historia della guerra fra Turchi et Persiani</i> (Veneza, 1588)	10-3-1; 10-4-1/2; 10-5-2; 10-6-11/12; 10-8-1; 10-9-3
Manuscritos portugueses	Fr. Agostinho de Azevedo	<i>Relação do Estado da Índia</i> (Lisboa, 1603)	5-9; 5-10
	Cosme Correia	<i>Relação das coisas dos Mogores</i> *	5-8-11
	D. Fernando de Castro	<i>Crónica do Vice-Rei Dom João de Castro</i> (1598)	6-4-5; 6-7-7
		<i>Relação da jornada de D. António da Silveira</i> *	7-3-1/4
		<i>Relação da jornada de D. Gonçalo de Meneses</i> *	10-2-10/14
Informações orais	Qara Hasan	Baroche, 1563	5-1-11; 5-8-11
	Embaixadores dos Mogores	Goa	4-10-1
	Gabriel Polaco	Goa	5-8-11
	Cosme Correia		5-8-11
	Fr. Simão de Morais	Goa	10-5-6
	Arménio	Goa	10-5-6
	Embaixador persa	Goa, 1584	10-5-6

casos ainda, apenas a existência de discursos dissonantes aponta para o recurso a elementos externos. Não é improvável, entretanto, que alguns dos empréstimos textuais efectuados por Couto tenham aqui passado despercebidos.

Mas Diogo do Couto era também algo desleixado nos seus métodos de trabalho, pois é possível detectar numerosos lapsos de transcrição e de cópia ao longo das páginas das suas *Décadas*. De tal modo que, muitas vezes, a existência deste tipo de erros pode servir para constatar a efectiva utilização de uma determinada fonte. Outras vezes, os diferentes textos que compõem uma dada *Década* são interligados de forma deficiente, criando problemas de articulação textual e dando mesmo origem a aparentes contradições ideológicas. Diogo do Couto segue às vezes tão fielmente a sua fonte, que é possível deduzir que as opiniões que emite não são da sua responsabilidade. O leitor atento da prosa coutiana rapidamente se aperceberá da existência de vozes dissonantes no interior de uma mesma *Década*, facto que pode ser facilmente explicado pela utilização que o cronista português faz de textos alheios, sem se preocupar demasiado com a respectiva adaptação e/ou atribuição.

Entretanto, valerá a pena tomar consciência de que qualquer obra coutiana, manuscrita ou impressa, na sua materialidade final, não é certamente um produto exclusivo do seu autor, ao contrário do que ingenuamente se poderia pensar. A versão final, que chega à posse do leitor actual, passou pelas mãos de secretários e de amanuenses mais ou menos voluntaristas, de revisores e de censores mais ou menos prolixos, e de tipógrafos e de livreiros mais ou menos experimentados. Em finais do século XVI e inícios da centúria imediata, muito raramente um determinado autor controlaria até ao fim todas as distintas etapas da produção de um dos seus livros. E valerá a pena acrescentar que tem sido salientado o importante papel desempenhado por Frei Adeodato da Trindade, cunhado de Couto, na preparação da versão final das *Décadas* coutianas impressas em tempo de vida do cronista.⁵⁰

A exploração das obras de Diogo do Couto, como se pode observar, não está concluída, continuando aberta a novos inquéritos. E a questão das *fontes* utilizadas pelo cronista na composição das suas *Décadas da Ásia* não será o menos interessante dos problemas. De facto, uma análise mais cuidada revela dados sugestivos sobre a originalidade dos textos coutianos, sobre a extensão das suas leituras e sobre os seus peculiares métodos de trabalho. Ao mesmo tempo, uma pesquisa deste género contribui para esclarecer determinadas práticas culturais adoptadas pelos portugueses no Oriente, nomeadamente em relação aos seus hábitos de leitura e de escrita, às formas de circulação de textos manuscritos, às modalidades de recolha de informação estratégica, à constituição de bibliotecas de livros impressos, ao registo de eventos ocorridos, aos modelos de debate intelectual, etc.

⁵⁰ Ver CRUZ, *Diogo do Couto*, vol. 2, *passim*.

Em suma, é todo um mundo cultural, em grande parte ainda por explorar, que surge nos bastidores de uma aparentemente anódina relação de fontes utilizadas por um cronista português, baseado no longínquo território ultramarino de Goa.

OTROS ESTUDIOS

